

## LICÃO 4 – ELIAS E OS PROFETAS DE BAAL

Subsídio elaborado por Inacio de  
Carvalho Neto. E-mail do  
autor: [inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br](mailto:inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br)

### Texto da leitura bíblica em classe:

#### **1REIS 18**

**36 Sucedeu, pois, que, oferecendo-se a oferta de manjares, o profeta Elias se chegou e disse: Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme a tua palavra fiz todas estas coisas.**

- Depois de ter tido a experiência de ser sustentado por uma viúva muito pobre, aprendendo que Deus era o Deus de todas as nações, não só de Israel, e Aquele que provê todos os seres humanos, e depois de ter tido a experiência de que Deus é o dono da vida, a ponto de ressuscitar o filho da viúva, Elias estava pronto para retornar publicamente, mostrando-se provado e aprovado. Elias somente pôde ser o instrumento de Deus para a demonstração de quem tinha a verdadeira deidade depois de ele próprio ter experimentado esta soberania divina, o que nos ensina que devemos ser provados para sermos aprovados em Cristo, como Apeles (Rm. 16.10).

- Em razão dos 3 anos e meio sem chuva, a fome estava dominando, e já tinha chegado até ao palácio, a ponto de Acabe sair com seu servo Obadias à procura de água (1Rs. 18.5-6), sentindo na pele que Baal, o suposto deus da fertilidade, não era capaz de fornecer alimentos nem para quem o adorava.

- Baal era a principal divindade cananeia (1Rs. 16.31; 11.1-8). Ele era adorado nos lugares altos de Moabe (Nm. 24.41). Havia altares dedicados a ele na época dos juízes (Jz. 2.13; 6.28-32). Talvez a sua adoração tenha atingido o seu ápice na época de Acabe e Jezabel (1Rs. 16.32; 18.17-40), embora tenha havido novas ocorrências posteriormente (2Rs. 3.2ss; 10.18-28; 18.4,22; 21.3; 2Cr. 21.6; 22.3). A palavra Baal significa “proprietário, marido ou senhor”. Seu nome demonstrava que a divindade pagã exercia controle e posse não somente sobre o lugar onde se encontrava, mas também sobre as pessoas. A adoração a Baal era acompanhada por rituais lascivos (1Rs. 14.24; 2Rs. 23.7); sua imagem era beijada (1Rs. 19.18; Os. 13.2); o sacrifício de crianças no fogo era parte do seu culto (Jr. 19.5). A adoração a Baal estava associada à adoração de Astarote (1Rs. 18.19; 2Rs. 23.4) e os seus altares frequentemente tinham aserás nas proximidades (Jz. 6.30; 2Rs. 16.32,33). O Antigo Testamento refere-se às muitas imagens locais de Baal como baalins, a forma plural de Baal. A sua adoração foi abolida por Joiada (2Rs. 11.18) e Josias (2Rs. 23.4,5).

- Foi nesse contexto que Elias encontrou-se com Obadias, mandando que ele fosse a Acabe para reunir o povo e os profetas de Baal para um desafio: o deus que respondesse com fogo do céu seria o verdadeiro Deus, merecendo a adoração do povo. Aquele povo que se deixava guiar apenas pelos sinais, que não ouvia mais a Palavra de Deus, teve o que pretendia: um sinal incontestável.

- O local do ajuntamento foi o Monte Carmelo, situado a 531 metros de altitude, o principal pico de uma cadeia montanhosa que se estende por cerca de 48 km na direção noroeste-sudeste desde as margens do mar Mediterrâneo até a planície de Dota, acima do atual porto de Haifa. Marcava na época a fronteira sul da Fenícia. Como o ponto mais alto da região, era um antiquíssimo local de adoração a Baal. Sua paisagem natural, um verdadeiro jardim, fazia do lugar um bosque onde se costumava adorar a Baal. Acabe mesmo construiu um bosque em Samaria com esta finalidade (1Rs. 16.33).

- É de se notar a ousadia de Elias: desafiar o inimigo na “casa” dele, o que conferia uma grande vantagem ao inimigo. Além disso, Elias estava sozinho, contra 850 profetas de Baal e Asera (ou Astarote), afora Acabe e Jesabel. Ou seja, tudo conspirava contra Elias. Mas ele tinha o único que importava com ele: o Senhor Deus.

- Elias encomendou dois bezerros (1Rs. 18.23), dando-nos com isto uma grande lição: o bezerro que foi oferecido a Baal não poderia também ser oferecido a Deus. Deus exige exclusividade na adoração.

- Como era de se esperar, Baal não mandou fogo, mesmo depois de seus profetas lhe invocarem por toda a manhã, saltando sobre o altar e chegando até a retalharem seus corpos. Menos mal que o povo não se impressionou com o espetáculo inútil dos profetas de Baal, como infelizmente alguns crentes têm feito hoje, contentando-se com espetáculos e deixando de esperar pela real manifestação de Deus.

- Atente-se que Elias não ofereceu o sacrifício, função que era exclusiva dos sacerdotes (Elias não era sacerdote). Ele apenas preparou o bezerro, mas o fogo veio do céu. Não têm razão, portanto, aqueles que acusam Elias de ter indevidamente feito o trabalho próprio dos sacerdotes. Ademais, ainda que Elias o tivesse feito, não seria de se acusá-lo, pois o povo de Israel estava tão degradado que certamente não haveria ali nenhum sacerdote em condições de oferecer o sacrifício.

- Elias primeiro reparou o altar que estava quebrado (1Rs. 18.30). Como diz certo cântico, “em altar quebrado, não se oferece sacrifício a Deus”. Era necessário primeiro consertar o altar. Assim também ocorre conosco: é preciso primeiro repararmos o nosso altar para depois oferecermos a Deus.

- No momento do sacrifício da tarde, Elias dirigiu uma simples oração a Jeová, pedindo-lhe que fizesse saber que Ele era o verdadeiro Deus e que ele, seu profeta, havia feito tudo aquilo com base em Sua palavra. Ele pediu ao Senhor para que fizesse o povo saber com certeza que Ele era Jeová, para voltar os corações do povo para Ele. Então, o fogo caiu.

- A tradição dos judeus diz que havia duas tardes – uma quando o sol começava a se inclinar a oeste, logo depois do meio-dia; e outra quando o sol estava se pondo. A hora para o sacrifício da tarde poderia ser aproximadamente entre o meio-dia e o pôr-do-sol ou às três horas da tarde.

- A coragem e a fé patentes em Elias não têm paralelo em toda a história da redenção. Seu desafio ao rei (1Rs. 18.16-19), sua repreensão a todo o Israel (1Rs. 18.21-24) e seu confronto com os 450 profetas de Baal (1Rs. 18.19,22) foram embates que ele enfrentou dispondo apenas das armas da oração e da fé em Deus.

- Vemos sua confiança em Deus na brevidade e simplicidade da sua oração (apenas 41 palavras em hebraico).

**37 Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo conheça que tu, SENHOR, és Deus e que tu fizeste tornar o seu coração para trás.**

- O propósito de Elias no seu confronto com os profetas de Baal, e a oração que se seguiu, foi revelar a graça de Deus para com o seu povo. Elias queria que o povo se voltasse para Deus.

- Semelhantemente, João Batista, o “Elias” do Novo Testamento, tinha como alvo levar muitos a buscarem a Deus, como preparação para o advento de Cristo.

- A oração de Elias tinha um tríptico propósito: 1) fazer com que Deus confirmasse que tudo o que ocorrera tinha sido da Sua vontade; note-se que Elias não queria engrandecer-se diante do povo, mas apenas fazer com que o nome do Senhor fosse glorificado; 2) mostrar a todos os seguidores de Baal que Deus era o único verdadeiro Deus, que Baal não era deus e não podia fazer nada em relação à natureza; 3) mostrar ao povo que, apesar de eles terem se desviado espiritualmente, Deus estava pronto a perdoar-lhes.

**38 Então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego.**

- O fogo de Deus caiu dos céus e consumiu o holocausto, a lenha, as pedras, o pó e a água que estava no rego. A chama deve ter sido intensa para queimar até as pedras e o pó. Não foi um fogo comum, mas um ao qual nada poderia resistir. Ele queimou de cima para baixo, em vez de queimar de baixo para cima. Ele foi miraculoso como um todo, fazendo com que o povo caísse sobre os seus rostos de uma vez, declarando que Jeová era Deus.

- O Senhor milagrosamente produziu fogo para consumir o sacrifício de Elias (cf. 1Cr. 21.26; 2Cr. 7.1). Esse milagre vindicou Elias como profeta de Deus e comprovou que somente o Senhor de Israel era o Deus vivo, a quem deviam servir.

- De modo semelhante, o crente deve orar, com fê, pela manifestação divina em seu meio, mediante o Espírito Santo (ver 1Co. 12.4-11; 14.1-40).

- Deus derramou fogo do céu por amor a Elias, e ajudar-nos-á a fazer o que nos for necessário. A prova pode não ser tão dramática em nossa vida como foi na de Elias, mas o Senhor tornará os recursos disponíveis para nós, de maneira criativa, para que realizemos seus propósitos. Ele nos dará sabedoria para criarmos uma família, coragem para tomarmos uma posição pela verdade, ou os meios para ajudarmos alguém que esteja em grandes dificuldades. Como Elias, podemos crer que, independentemente daquilo que Deus nos ordenar, Ele proverá o necessário para que possamos completar a tarefa.

- É de se notar que a água é um dos símbolos da Palavra de Deus (Ef. 5.26). Assim como o altar reparado por Elias foi encharcado de água (1Rs. 18.34-35), não há como haver manifestação do poder e da glória de Deus se, antes, não estivermos “encharcados” com a Palavra.

**39 O que vendo todo o povo, caiu sobre os seus rostos e disse: Só o SENHOR é Deus! Só o SENHOR é Deus!**

- Vendo o milagre, o povo caiu em si e reconheceu o Deus de Israel como o único Deus. É incrível que aquele que era chamado o “povo de Deus” precisasse esperar por uma manifestação tão clara do poder de Deus para reconhecê-lo como o único Deus, quando na verdade deveria conhecê-Lo e ter comunhão com Ele independentemente de qualquer manifestação especial.

- Note-se que o “cair” do povo nada tem a ver com a “fanerose”, chamada de “cair no Espírito” ou “cai-cai”, que muitos têm praticado atualmente. Tratava-se de uma atitude de humilhação e reconhecimento voluntário de que Deus é o Senhor; não era uma simples perda de sentidos que não traz nenhum benefício espiritual, como se tem praticado.

#### **40 E Elias lhes disse: Lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum deles escape. E lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou.**

- Elias viu a sua oportunidade. O povo estava disposto a obedecer ao Deus vivo. Assim, ele ordenou que capturassem os profetas de Baal e de Asera e matassem todos eles. Eles foram levados ao ribeiro de Quisom e mortos.

- A sentença de morte contra os profetas de Baal era justa, pois foi executada em obediência à lei de Moisés (Dt. 13.6-9; 17.2-5). O Novo Testamento não contém qualquer mandamento similar, proibindo, ao contrário, a ação repressora contra os falsos mestres (Mt. 5.44), embora Deus ordene a sua rejeição e que nos separemos deles (Mt. 24.23-24; 2Co. 6.14-18; Gl. 1.6-9; 2Jo 7-11; Jd 3-4).

- A ação de Elias contra os falsos profetas de Baal representava a ira de Deus contra os que tentavam destruir a fé do seu povo escolhido, e privá-lo das bênçãos divinas e também expressava o amor e a lealdade do próprio Elias por seu Senhor.

- A destruição dos falsos profetas por Elias manifestava, também, profunda preocupação pelos próprios israelitas, uma vez que estavam sendo destruídos espiritualmente pela falsa religião de Baal. Jesus manifestou idêntica atitude (Mt. 23; Lc. 19.27), assim como também o apóstolo Paulo (Gl. 1.6-9). Note, ainda, que a ira de Deus será derramada sobre todos os rebeldes e impenitentes “no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus” (Rm. 2.5; Ap. 19.11-21; 20.7-10).

- Certa corrente ceticista argumenta que a morte dos profetas de Baal, além de demonstrar intolerância religiosa, foi um castigo exagerado da parte de um Deus que se diz misericordioso. Mas, como dissemos, a morte era a pena prevista tanto para o falso profeta como para o idólatra (Dt. 18.20; Ex. 22.20). Os profetas de Baal estavam praticando os dois pecados. Devemos lembrar que Deus não é apenas soberano sobre toda a vida (Jó 1.21), mas absolutamente justo na execução da justiça (Gn. 18.25).

- Matar os profetas de Baal e de Asera significava retirar o mal do meio do povo de Deus, separar o povo de Deus do convívio e da má influência desses agentes do mal.

- O ribeiro de Quisom era um rio temporário que nasce nas colinas dos montes Tabor e Gilboa e que deságua no mar Mediterrâneo, perto do monte Carmelo. Era um ribeiro que se situava ao pé do monte e, diante do período de estiagem, devia estar seco.

### **Referências bibliográficas:**

- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **Elias e os profetas de Baal**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GONÇALVES, José. **Lições bíblicas: Elias e Eliseu – um ministério de poder para toda a igreja**. Editora CPAD, 2013.
- GONÇALVES, José. **Porção dobrada**. Editora CPAD, 2012.
- , Jeferson. **Elias e os profetas de Baal**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.
- NEVES, Natalino das. **Elias e os profetas de Baal**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.